



Uma plataforma para o emprego

Norte de Portugal/Galiza

Falta de conhecimento da oferta de emprego e questões administrativas são as principais barreiras que dificultam a mobilidade de cidadãos, e também empresas, na Galiza. O problema também o é para quem quer vier da Galiza para o Norte de Portugal, ara investir ou trabalhar. Teresa Ventín, da rede Eures-T Norte de Portugal, deu conta disso mesmo, ontem em Braga, durante um business breakfast promovido pela sociedade de advogados PLMJ na Associação Industrial do Minho.

“Não há uma plataforma comum de emprego onde as pessoas possam saber as oportunidades laborais que existem”, destacou Teresa Ventín. Simples questões como “Segurança Social, pagamento de imposto, reconhecimento e equivalência de um título universitário ou

profissional”, são barreiras que dificultam “a vida” para quem quer trabalhar do outro lado da fronteira. O quadro legal está estabelecido pela União Europeia e, para a coordenadora da rede Eures-T, “até não está mal estabelecido”, o problema acaba por ser o próprio país.

“Somos dois países vizinhos que têm que introduzir, além de legislação comum, práticas habituais administrativas semelhantes. Isto tem que ser prioridade para que os cidadãos olhem os mercados de emprego do Norte de Portugal e a Galiza, não digo comum, com transparência”, referiu Teresa Ventín.

As deficitárias vias de comunicação foram outro dos problemas apontados. “Nós sabemos que estas dificuldades ainda complicam a livre circulação de emprego e de empresas”, referiu Nuno Martins, director-geral da AIMinho. Os sectores da indústria naval, metalomecânica e construção civil são os que empregam mais portugueses na Galiza, apesar de actualmente, e segundo dados de Teresa Ventín, o sector está a sofrer “violentamente” com o actual momento de crise que a Espanha atravessa.

NUNO CERQUEIRA

13
mil
portugueses
com contrato
na Galiza
em 2010

1500
galegos
com contrato
no Norte
de Portugal
em 2010